

DANIELLA MARTINS COSTA, DANIELA QUIREZA CAMPOS MORGADO E LUÍSA KOBI RANGEL

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Daniella Martins Costa

Arquiteta formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ/UFRJ, Doutora em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFF. Atualmente é Professora do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente - DPUR/FAU/UFRJ. É professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ/UFRJ, onde participa do Laboratório de Narrativas em Arquitetura (LANA) e do Preservação e Restauração do Patrimônio Edificado (RESTAURARQ).

Architect graduated from the Universidade Federal do Rio de Janeiro, master's in architecture from the Graduate Program in Architecture - PROARQ/UFRJ, PhD in Architecture on the Graduate Program in Architecture and Urbanism - PPGAU/UFF. Professor at the Department of Urbanism and Environment - DPUR/FAU/UFRJ. Since 2022 is collaborating professor at the Graduate Program in Architecture - PROARQ/UFRJ, where she is part of the Laboratory of Narratives in Architecture (LANA) and in the Preservation and Restoration of Built Heritage Group (RESTAURARQ).

Arquiteta por la Universidad Federal de Rio de Janeiro, Magíster en Arquitectura y Urbanismo - PROARQ/UFRJ, Doctorada en Arquitectura en el Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo - PPGAU/UFF (2017). Actualmente es Profesora del Departamento de Urbanismo y Medio Ambiente - DPUR/FAU/UFRJ. Es profesora colaboradora del Programa de Posgrado en Arquitectura - PROARQ/UFRJ, participando en el Laboratorio de Narrativas en Arquitectura (LANA) y en la Preservación y Restauración del Patrimonio Construido (RESTAURARQ).

daniella.martins@fau.ufrj.br

Daniela Quireza Campos Morgado

Aluna de Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU/UFF). Membro do Laboratório Cidade e Memória vinculado ao Laboratório de Narrativas em Arquitetura (LANA/UFRJ), desde 2020, onde tem colaborado com o trabalho junto ao Escritório Técnico da Região Serrana do IPHAN/RJ, em Petrópolis. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) no projeto Tipologias arquitetônicas em Petrópolis.

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Undergraduate student at the School of Architecture and Urbanism at the Universidade Federal Fluminense (EAU/UFF). Member of the City and Memory Laboratory linked to the Laboratory of Narratives in Architecture (LANA/UFRJ), since 2020, where she has collaborated with the work with the Technical Office of IPHAN/RJ, in Petrópolis. Has earned a scholarship holder for Scientific Initiation by the Carlos Chagas Filho Foundation for Research Support in the State of Rio de Janeiro (FAPERJ) in the project Architectural typologies in Petrópolis.

Estudiante de graduación de la Escuela de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal Fluminense (EAU/UFF). Integrante del Laboratorio Ciudad y Memoria vinculado al Laboratorio de Narrativas en la Arquitectura (LANA/UFRJ), desde 2020, donde colabora con la Oficina Técnica del IPHAN/RJ, en Petrópolis. Beca de Iniciación Científica de la Fundación Carlos Chagas Filho de Apoyo a la Investigación del Estado de Río de Janeiro (FAPERJ) en el proyecto Tipologías arquitectónicas en Petrópolis.

danielaquireza98@gmail.com

Luísa Kobi Rangel

Arquiteta formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022). Membro do Laboratório Cidade e Memória vinculado ao Laboratório de Narrativas em Arquitetura (LANA), desde janeiro de 2021, onde tem colaborado com o trabalho junto ao Escritório Técnico da Região Serrana do IPHAN/RJ, em Petrópolis.

Architect graduated from the Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022). Member of The Laboratory City and Memory linked to the Laboratory of Narratives in Architecture (LANA/UFRJ), since 2021, where she has collaborated with the work with the Technical Office of IPHAN/RJ, in Petrópolis.

Arquiteta por la Universidad Federal de Rio de Janeiro (2022). Integrante del Laboratorio Ciudad y Memoria vinculado al Laboratorio de Narrativas en Arquitectura (LANA), desde de 2021, donde colabora con el trabajo con la Oficina IPHAN/RJ, en Petrópolis

luisakobirangel@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho é parte de estudos iniciados anteriormente sobre a cidade de Petrópolis e seu acervo arquitetônico. O trabalho executado por grupo de pesquisa composto por alunos de graduação de duas escolas de arquitetura do Rio de Janeiro se inicia com estudos sobre a tipologia arquitetônica local parte do acervo tombado. Durante a finalização de etapa anterior, percebemos uma lacuna nas informações levantadas, faltava um estudo das cores presentes no sítio tombado. Após constatar que esta era também uma demanda dos técnicos locais, voltamos a campo para estudar a paleta cromática de Petrópolis, cidade localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro e que guarda parte importante da história do Império no Brasil. História que encontramos materializada em seu significativo acervo de arquitetura residencial dos sec. XIX e XX, nosso principal objeto de estudo. O trabalho, feito por amostragem em conjuntos que ainda guardavam uma leitura homogênea de seus estilos, procedeu a levantamento individual das cores presentes nas fachadas das tipologias previamente classificadas e mapeadas. O objetivo foi coletar e organizar de forma didática as cores existentes atualmente no recorte definido e não buscar as cores originais das tipologias estudadas. Partindo da experiência de estudo cromáticos em outros sítios no Brasil, lançamos novo olhar sobre a cidade e suas cores. O resultado obtido foram informações que complementam os estudos tipológicos anteriores, o que conseqüentemente poderá auxiliar o diálogo com os moradores e especialmente a tomada de decisões do corpo técnico intervindo na cidade. Conhecer profundamente o acervo arquitetônico que compõe nossas cidades é a melhor contribuição para a preservação e manutenção de sua identidade.

Palavras-chave: Cor. Sítio Urbano Histórico. Petrópolis. Patrimônio Cultural.

Abstract

The present work is part of previously initiated studies on the city of Petrópolis and its architectural heritage. The work carried out by a research group composed of undergraduate students from two architecture schools in Rio de Janeiro, begins with studies on the local preserved architectural typology. During the previous studies, we noticed that there was a lack of information about the colors present on the listed site. After realizing that this was also a demand from the local technical body, we went back to the field to study the chromatic palette of Petrópolis, a city located in the mountains, just outside of Rio de Janeiro, and which holds an important part of the Empire history in Brazil. History that we often find materialized in its significant collection of residential architecture from the sec. XIX and XX, our main study object. The work, carried out by samples that still retained a homogeneous reading of their styles, carried out an individual survey of the colors present on the previously classified facades of mapped typologies. The objective was to collect and organize in a didactic way the colors currently existing in our stud area and not search for its original colors. Based on the experience of color surveys in other places in Brazil, we launched a new look at the city and its colors. The result obtained was information that complements the previous typological studies, which consequently could help the dialogue with the residents and especially the decision-making of the technical body intervening in the city. Getting to know in depth the architectural heritage in our cities is the best contribution to preserving and maintaining their identity.

Keywords: Color. Historic Urban Site. Petrópolis. Cultural Heritage.

Resumen

El presente trabajo forma parte de estudios previamente iniciados sobre la ciudad de Petrópolis y su patrimonio arquitectónico. El trabajo realizado por un grupo de investigación integrado por estudiantes de pregrado de dos facultades de arquitectura de Rio de Janeiro comienza con estudios sobre la tipología arquitectónica local de la colección catalogada. Durante la finalización de la etapa anterior, notamos un vacío en la información recopilada, faltaba un estudio de los colores presentes en el sitio listado. Al percatarnos de que esa también era una demanda de los técnicos locales, volvimos al campo para estudiar la paleta cromática de Petrópolis, ciudad ubicada en la región montañosa del estado de Río de Janeiro y que guarda una parte importante de la historia de El Imperio en Brasil. Historia que encontramos materializada en su importante colección de arquitectura residencial del *seg. XIX y XX*, nuestro principal objeto de estudio. El trabajo, realizado a partir de conjuntos muestrales que aún conservaban una lectura homogénea de sus estilos, realizó un levantamiento individual de los colores presentes en las fachadas de tipologías previamente clasificadas y mapeadas. El objetivo era recoger y ordenar de forma didáctica los colores existentes actualmente en el corte definido y no buscar los colores originales de las tipologías estudiadas. A partir de la experiencia de estudiar cromatismos en otros lugares de Brasil, lanzamos una nueva mirada a la ciudad y sus colores. El resultado obtenido fue información que complementa los estudios tipológicos anteriores, lo que en consecuencia podría ayudar al diálogo con los vecinos y especialmente a la toma de decisiones del cuerpo técnico interviniente en la ciudad. Conocer en profundidad el patrimonio arquitectónico que conforma nuestras ciudades es la mejor contribución para conservar y mantener su identidad.

Palabras clave: Color. Conjunto Urbano Histórico. Petrópolis. Patrimonio Cultural.

Cores da memória e identidade

Cidades são livros de história. Suas páginas guardam relatos sobre nossa eterna busca por um lugar para deitar raízes. Algumas cidades são ‘Cidade-escrita’, como define a arquiteta Raquel Rolnik, espaços que funcionam como um artefato onde guardamos, às vezes sem perceber, rastros da nossa história para que outros possam ler. O simples fato de habitar um lugar faz com que a marca deixada por nossa passagem se fixe em uma memória que, “ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém, (documentos, ordens, inventários), fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre este papel” (ROLNIK, 1995, p. 16 e 17).

Uma outra Rachel, a mineira Rachel Jardim, em seus relatos, usa o espaço arquitetônico, doméstico e urbano, para evocar suas memórias. Rachel entende que uma das vocações do tecido urbano é a formação do caráter de quem nele habita. “Descobri que de certo modo, as cidades constroem as nossas vidas. Tudo o que me aconteceu ali não podia ter acontecido em outro lugar” (JARDIM, 2005, p. 101). No seu conto intitulado ‘uma vez a volta’, (JARDIM, 1975) encontramos relatos que nos mostram o poder que a cidade e seu acervo material tem de nos fazer voltar no tempo.

[...] as três chegou na cidade. Não queria ver muito. ‘uma escritora vai a uma cidade do interior autografar seu livro’, pensava. ‘essa escritora conheceu uma jovem que viveu ali. Não é mais a jovem. A cidade também não é’[...]

[...]’Que poder tem uma casa de guardar a juventude’, pensava. Ela devolveia todos um a um, intactos, como no dia em que partiram. E ao vê-los jovens, cada um revia a si mesmo. (JARDIM, 1975, p. 75 e 77)

Assim é possível entender que a cidade é feita não apenas por seu acervo construído, testemunho de formas de habitar e saberes de um povo, mas dos testemunhos da sua identidade, que inclui a paisagem construída e a natural, elementos tangíveis e intangíveis. É o que o IRPH – Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, órgão de proteção municipal do Rio de Janeiro, tenta descrever quando define aquilo que se protege dentro de uma APAC - Área de Proteção do Ambiente Cultural.

Uma APAC é constituída de bens imóveis [...] passeios, ruas, pavimentações, praças, usos e atividades, cuja ambiência em seu conjunto (homogêneo ou não), aparência, seus cheiros, suas idiossincrasias, especificidades, valores culturais e modos de vida conferem uma identidade própria a cada área urbana. (IRPH, 2012, p. 01 – grifo nosso)

Cheiros, usos, valores culturais e as particularidades de um lugar são responsáveis por lhes atribuir caráter e uma atmosfera própria. O próprio Rodrigo Melo Franco¹, primeiro diretor do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, afirmava que a preservação de um sítio urbano se justifica quando estes são resultado de criação “representativa da vida e da organização social de um povo, em determinada fase de sua evolução” (MELO, 1986, p. 81). A cidade é uma obra coletiva composta por camadas tangíveis, traçado urbano, acervo arquitetônico, arte, culinária, e camadas intangíveis, sons, cheiros e cultura. (ICOMOS, 2011)

¹ Rodrigo Melo Franco de Andrade - advogado, nasceu em Belo Horizonte em agosto de 1898. Foi o primeiro diretor do então SPHAN, hoje IPHAN, de 1937 a 1967. Após a aposentadoria, em 1967, integrou o Conselho Consultivo do SPHAN, onde permaneceu até a sua morte, em 11 de maio de 1969. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/481/vida-e-obra-rodrico-melo-franco-de-andrade-1898-%E2%80%93-1969> - acesso em 05/03/2023.

Parte destes elementos que atribuem caráter a uma cidade, estão as suas cores, que carregam uma importante carga de construção cultural.

Uma das características significativas desse acervo é a sua policromia, que também constrói parte importante da identidade urbana refletindo-se nela em diferentes níveis. [...] os padrões das cores variam de período para período, de país para país, e, às vezes, de uma tribo para outra. (NAOUMOVA; LAY, 2007, p. 03)

Além da composição da identidade urbana, as cores também têm um impacto em nosso bem-estar do ponto de vista psicológico e sensorial. Muitas vezes ajudam a definir formas e funções do espaço, como no caso de instituições que usam cores específicas em seus edifícios institucionais para relacioná-lo a uma função. Da mesma forma, algumas cidades, especialmente as históricas, são capazes de construir atmosferas muito particulares através do uso das cores e sua relação com outros elementos que as compõem, como a paisagem local. [1] [2]



FIGURA 1 – Composição cromática da Avenida Piabanha. Tipologia Casa Petropolitana

Fonte: acervo pessoal do autor. nov/2021

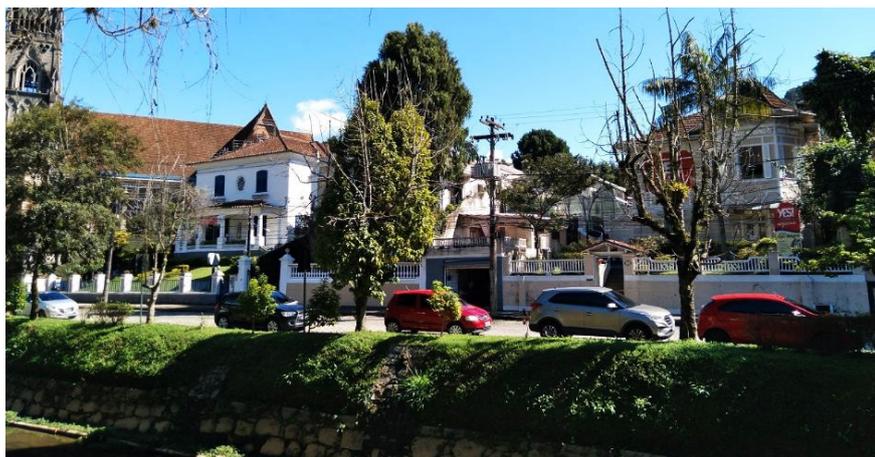


FIGURA 2 – Variação de estilos no Sítio. Vista da Rua da Imperatriz.

Fonte: acervo pessoal do autor. nov/2021

As relações entre as cores, não só do espaço construído, mas de seus componentes naturais e artificiais “estabelecidas durante a evolução histórica urbana constroem [uma] imagem cromática peculiar da cidade como um lugar único e diverso.” (NAOUMOVA; LAY, 2007, p. 03). Preservar esta atmosfera, é uma preocupação, que surge quando o foco da preservação expande de edifícios particulares para sítios urbanos. A carta de Veneza, em 1964, já manifestava preocupação com a intervenção

na ambiência no entorno dos bens tombados e os impactos que estas poderiam causar em sua percepção, proibindo “toda modificação que possa alterar as relações de volumes e de cores” (ICOMOS, 1964. Art. 6º, p. 02 - grifo nosso) na área de entorno de um bem tombado.

Assim, surge a necessidade de estudos que possam reunir dados sobre os elementos que formam o caráter particular de alguns sítios. Entender como se construiu com o passar do tempo, além da estrutura urbana, os elementos arquitetônicos, práticas culturais de seus habitantes, suas tradições, memórias e referências culturais que “constituem a substância do seu valor histórico”. (ICOMOS, 2011. Art.1, p. 02). A evolução cromática da cidade é parte deste vocabulário formador. Entender a lógica usada na origem da cidade, contribui para a tomada de decisões do corpo técnico intervindo nestes sítios hoje. Olhando para o passado, criamos dados e referências para intervenções futuras.

Cores no sítio histórico de Petrópolis

O verde talvez tenha sido uma das primeiras cores a contribuir para a existência da Petrópolis que conhecemos hoje. O nome da cidade já mostra a estreita relação de uma pessoa com este sítio, está é a cidade de Pedro. O primeiro Pedro, o Imperador D. Pedro I, adquire as terras em 1830 pelo encantamento com o clima ameno e pelas belezas daquele cenário natural (LERNER, 2007, p. 211). Mas é pelas mãos de outro Pedro, o Imperador D. Pedro II, que a cidade se materializa, quando em 1843, assina o decreto que autoriza a construção da Vila Imperial. A cidade, planejada para ser o refúgio de verão da família Imperial, guarda em seu traçado regular uma relação singular entre a intervenção do homem e a natureza (IBID). O engenheiro alemão Júlio Frederico Koeler, engenheiro responsável pelo desenho da nova vila imperial, implanta a nova povoação acompanhando o traçado dos rios locais, o que diferencia Petrópolis de outras cidades do século XIX no Brasil. Assim, da união entre traçado regular e natureza exuberante, muito diferente da tradição urbanística portuguesa, resulta a implantação de uma cidade que vai traduzir “como nenhuma outra, o período Imperial Brasileiro” (IPHAN, processo nº 662-T-62, p. 150).

Mas, como em outras cidades históricas brasileiras, Petrópolis também sofreu com as dores de um rápido crescimento. A cidade começa um processo de verticalização na segunda metade do século XX, o que acabou gerando manifestação da população local com pedidos de tombamento do conjunto arquitetônico, como uma tentativa de impedir esse crescimento. (COSTA, 2019, p. 354) Apesar de ter alguns bens tombados individualmente logo após a criação do IPHAN em 1938, o conjunto arquitetônico ganha proteção apenas a partir dos anos 1960.

Petrópolis tem sido objeto de estudo deste grupo de pesquisa nos últimos anos. Começamos a nos debruçar sobre o sítio através do estudo das tipologias arquitetônicas que o compõem, e que juntamente com a paisagem existente dão este caráter peculiar à cidade. Descrita algumas vezes como um ‘vitral de estilos’ [2], [3], [4] e [5] (ARNAUT, 2019), o acervo da cidade conta uma parte da evolução arquitetônica residencial no Brasil entre os séculos XIX e XX e que a arquiteta Carioca Dora Alcântara² define como “não-excepcional”, ou “contextual”:

² A arquiteta carioca Dora Alcântara, (1931 - presente) foi responsável por este olhar sensível ao sítio e por sua preservação enquanto esteve a serviço do IPHAN. Durante os anos 1980 participou da comissão que estudou e aprovou a ampliação do tombamento inicial do conjunto arquitetônico da cidade.

[...] arquitetura residencial, de tipo médio, que convencionamos chamar de “contextual” porque, inserida na paisagem local, constitui parte significativa da leitura que, claramente, o conjunto oferece sobre a história e a sociedade locais.” (ALCÂNTARA, 1980, parte 1, p. 02).

Observando este acervo local passamos a entender que tipo de elementos eram essenciais para que a leitura do conjunto continuasse a ser feita de forma completa, ou seja, que elementos das quais não podíamos abrir mão nas tipologias encontradas. Assim, nos debruçamos sobre a evolução de estilos e tipologias da história da arquitetura do século XIX e XX materializada no sítio preservado³. Entendemos que tipos de estilos, volumetria, telhados, revestimentos, ornamentos, davam corpo a esta arquitetura contextual na cidade. Mas, faltava entender ainda um componente importante: quais eram as cores que formavam a paleta deste sítio.

Este trabalho é um olhar inicial para a paleta de cores do sítio de Petrópolis. Um olhar que precisa ainda ajustar o foco, mas que indica uma direção sistematizada e uma primeira possibilidade de leitura de conjunto.



FIGURA 3 – Casa à Rua Barão do Amazonas, 35 – Centro – Petrópolis/RJ.

Fonte: acervo pessoal do autor. Jul/2018



FIGURA 4 – Casa à avenida Ipiranga, 716. Petrópolis/RJ.

Fonte: acervo pessoal do autor. Jul/2021



FIGURA 5 – Casa à avenida Piabanha, 109. Petrópolis/RJ.

Fonte: acervo pessoal do autor. Jul/2021

Questão de cor

Quando nossas primeiras aproximações com Petrópolis começaram, uma pergunta logo veio à tona. Como manter um sítio com tantos exemplares protegidos, alguns individualmente e outros tantos tombados em conjunto, em uma cidade que cresce e se renova? Do ponto de vista da legislação local, um técnico trabalhando em Petrópolis deve atender a cinco critérios mínimos quando vai intervir no sítio histórico:

Em função das constantes alterações de usos e eventuais necessidades de adequação dos espaços nos bens tombados, este instituto [IPHAN] estabeleceu critérios mínimos

³ Isto gerou dois relatórios técnicos entregues ao ETRS-IPHAN: O 'Reflexões sobre o valor do tombamento e a arquitetura contextual de Petrópolis: Mapeamento tipológico das áreas tombadas no 1º distrito', entregue em julho de 2020 e um ano depois o 'Estudo Tipológico da Arquitetura Contextual de Petrópolis: Mapeamento tipológico das Áreas Tombadas no 1º distrito - Fase II' entregue em julho de 2021. Para um compilado do material estudado acessar o artigo: Vernáculo e de contexto: Contribuições de Dora Alcântara para um estudo tipológico em Petrópolis. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.265/8532>

para nortear tais modificações, os quais são complementados com análises específicas, caso a caso. São eles:

- *Taxa de ocupação máxima de 25% da área passível de ocupação (área com declividade até 20%), sem árvores;*
- *Gabarito máximo de dois pavimentos;*
- *Altura máxima de todos os elementos construídos igual a altura da cumeeira da edificação principal;*
- *Afastamento mínimo, para novas construções, de 5 metros em relação à edificação principal;*
- *Afastamento lateral mínimo igual ao afastamento mínimo da edificação principal.*

(IPHAN, processo nº 0146.000504/2016-67 - Avenida presidente Kennedy, 813 A)

Estes critérios, somados à portaria Iphan 213/1996, que organiza as intervenções no entorno do sítio tombado, são as únicas diretrizes existentes para orientação dos profissionais intervindo na cidade de Petrópolis. O direcionamento dado por eles, se refere principalmente a questões de implantação e gabarito do bem, porém não existem recomendações mais específicas sobre intervenções possíveis.

Já o decreto-Lei nº 25 de 1937, de abrangência nacional, afirma em seu artigo 17 que “as coisas tombadas não poderão, [...] ser reparadas, **pintadas** ou restauradas” (BRASIL, 1937 - grifo nosso) sem a prévia autorização do IPHAN. Ou seja, qualquer intervenção feita em imóvel dentro do conjunto tombado precisa de autorização dos técnicos do órgão de tutela. Uma das intervenções mais comuns para manutenção de edificações é a pintura.

Como discutimos anteriormente, as cores existentes num sítio urbano histórico podem contribuir para a formação de uma imagem específica, planejada ou espontânea, positiva ou negativa. Isso sem deixar de levar em consideração que o ato de escolher uma cor para sua casa é ação espontânea de apropriação pessoal dos habitantes da cidade. Esta escolha vai além da perspectiva técnica, mas segue dinâmica própria das manifestações culturais de um lugar que se expressam de muitas formas na cidade, entre elas as cores.

O artista plástico Hilton Berredo, que conduziu o estudo sobre cores no corredor cultural do Rio de Janeiro, apontava a complexidade da questão no processo de recuperação do acervo arquitetônico.

A decisão de como pintar um imóvel no corredor cultural colocou desde o início, dois problemas aparentemente contraditórios: de um lado a tentativa de retomada das relações cromáticas originais da arquitetura, através de uma abordagem técnica; de outro, o respeito pelo uso da cor como um elemento dinâmico de manifestação popular, numa abordagem cultural. (BERREDO, 1990, p. 09)

E como se orientam os cidadãos em Petrópolis sobre o uso das cores no sítio atualmente?

Encontramos algumas recomendações sobre o tema em processos no ETRS/IPHAN-RJ, como este parecer emitido para a casa localizada à Rua Barão do Amazonas, 35, atualmente o Museu de Cera de Petrópolis [3], em que o requerente sugeria a cor ‘uva passa’ para pintura do imóvel. A resposta ao pedido foi:

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Em nosso posicionamento, levamos em consideração sua justificativa quanto à relação da cor escolhida com a atividade pretendida. No entanto, além da análise pontual ao objeto, devemos levar em consideração todo conjunto tombado.

A referida cor não existe na paleta de cores utilizada à época da construção do conjunto arquitetônico da Rua Barão do Amazonas, tombada por este instituto. Logo, não há a possibilidade de exceção, pois, a partir de uma aprovação para utilização de cores fora da paleta referente aos estilos arquitetônicos (ou por uma justificativa de uso) o fato poderá vir a se repetir em todo o conjunto tombado [...] (Ofício Escritório Técnico/ Petrópolis-IPHAN nº 129/2011 - grifo nosso)

Entretanto, o Escritório Técnico da Região Serrana não possui um estudo cromático para o sítio tombado. Assim, algumas questões foram surgindo durante os estudos iniciais:

- Como sugerir ação tão subjetiva, como a observação de cores presentes no sítio, sem uma sistematização prévia destes elementos?
- Como instruir de forma pedagógica este olhar para seleção de cores usando “todo conjunto tombado”?
- Como podemos justificar ao cidadão que algumas cores estão “fora da paleta referente aos estilos arquitetônicos” se não sabemos que paleta é esta?

Assim nasceu o convite do ETRS-IPHAN para que ajudássemos a entender o esquema de cores existente atualmente no perímetro tombado da cidade.

Método e cores

Como já discutimos anteriormente a cidade de Petrópolis apresenta, em seus exemplares de arquitetura residencial, interessante mosaico de estilos dos séculos XIX e XX que a arquiteta Dora Alcântara, em seus estudos sobre a cidade, divide em duas categorias, a primeira composta por “exemplares mais elaborados e ricos” (ALCÂNTARA, 1980, p. 02), que seriam o resultado do gosto pelo eclético entre os séculos XIX e XX, como o conjunto da Avenida Koeler ou de trechos da Avenida Ipiranga.

A segunda categoria seriam aqueles compostos por “elementos que não se destacassem individualmente, mas ao contrário, chamasse atenção por uma repetição de tema com variações” (IDEM) e que estivessem “visualmente” ligados a paisagem da cidade. Estes, são os que compõem a camada de arquitetura, que inspirados por Dora Alcântara, passamos a chamar de contextual. E é sobre este contexto que vamos concentrar nosso levantamento cromático.

Para iniciar este estudo o primeiro passo foi um mergulho em uma revisão bibliográfica feita dentro do tema uso da cor em sítios urbanos históricos, onde foi possível entrar em contato com a experiência em outros sítios com acervos próximos ao quadro existente em Petrópolis. Estas referências nos indicaram possíveis caminhos. Algumas delas marcaram o rumo deste trabalho, como foi o caso do manual produzido pela regional do IPHAN/SE para a cidade de Laranjeiras, intitulado: Cores de Laranjeiras, paleta de cores para uso no conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Laranjeiras. (IPHAN-SE, 2011). Este trabalho foi uma referência em como organizar nosso material para um diálogo direto com a população. Foi muito importante entender como as prospecções foram traduzidas com a ajuda das paletas de cores comerciais e digitais. Um outro ponto importante aqui, foi observar como a prospecção das cores foi feita

em diversos elementos arquitetônicos em cada imóvel, (embasamento, cunhal, cercadura, cimalha, parede etc.), o que definitivamente guiou nosso olhar para nossos objetos de estudo;

O Guia do Corredor Cultural do Rio de Janeiro (RIOARTE, 2002) trouxe um quadro mais próximo para os componentes do grupo. O texto foi importante base para entender a lógica de cores de estilos parecidos com os que encontramos em Petrópolis do ponto de vista histórico. Um segundo ponto importante do Guia, é que nos inspirou na forma de como apresentar as informações que estávamos coletando. A prancha de estudo de cores para as fachadas da travessa do comércio (IBID, p. 42) foi definitivamente uma referência para organização e apresentação da nossa pesquisa.

Assim, partindo destas e outras leituras, decidimos conduzir o trabalho seguindo o método de observação remota e análise por amostragem, já utilizado pelo grupo anteriormente, somado a visitas pontuais a campo.

Esta nova fase da análise seguiu se baseando nas tipologias arquitetônicas identificadas pelo grupo, já que entendemos o estudo das cores como um aprofundamento em sua caracterização. Nossos objetos de análise foram as tipologias residenciais identificadas e mapeadas na etapa anterior de estudo. São elas: Casa do Colono, Casa Petropolitana, Casa de Torreão, Chalé Romântico, Exemplos Normandos, Exemplos Neoclássicos, Exemplos Ecléticos, Exemplos Neocoloniais, Bangalôs, Exemplos Art Déco e Exemplos Modernos, que se articulam na paisagem urbana de Petrópolis de maneira harmoniosa⁴.

Em fases anteriores da pesquisa, havíamos procedido a uma análise do sítio por amostragem, em que selecionamos ruas onde a composição da atmosfera pitoresca da cidade estivesse ainda preservada. Para o estudo da paleta de cores, decidimos seguir com a mesma amostragem, assim as ruas incluídas na elaboração do estudo foram: Avenida Piabanha, Avenida Ipiranga, Avenida Koeler, Rua Santos Dumont, Rua Montecaseiros e Rua do Imperador. O objetivo era coletar as cores nos exemplares pertencentes às tipologias estudadas e mapeadas anteriormente, nas ruas escolhidas por seu caráter formal diverso e representativo do sítio.

Os critérios de observação para esta primeira leitura foram: a forma (tipologias) dos exemplares, sua cor (paleta) e interligação entre cor e forma. Assim para a construção desta paleta de cores, buscou-se:

- Identificar as cores presentes nos exemplares classificados em uma das tipologias previamente definidas. Levando em consideração que estas cores são as encontradas no sítio atualmente, e não uma busca por camadas cromáticas 'originais' dos exemplares;
- Coletar cores das fachadas dos imóveis, dividida através dos elementos que normalmente as compõem: fundo (parede), esquadrias, ornatos (cercaduras, contravergas, cimalthas etc.) e gradil.

Após as primeiras coletas, decidimos usar as ruas como fios condutores das informações e organizamos as pranchas de apresentação e leitura em duas partes: em uma primeira parte se poderá ter uma leitura geral da rua com todas as tipologias e cores que a compõem [6]. Na segunda parte, vamos poder ler as cores separadas por tipologias [7].

⁴ Para um compilado do material estudado acessar o artigo: Vernáculo e de contexto: Contribuições de Dora Alcântara para um estudo tipológico em Petrópolis. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.265/8532>

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

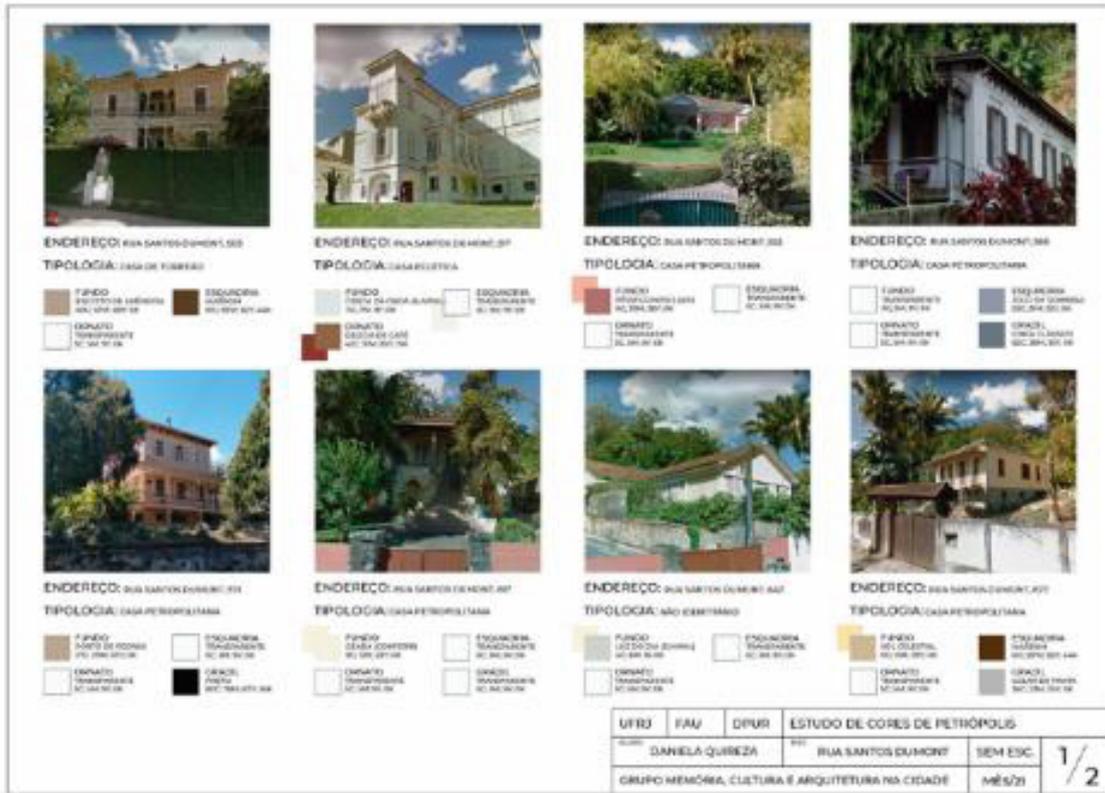


FIGURA 6 – Modelo de Prancha 01. Estudo de cores por logradouro.

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa, 2021.



FIGURA 7 – Modelo de Prancha 02. Estudo de cores por tipologia.

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa, 2021.

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Mas coletar as cores existentes não foi o objetivo final deste processo, era necessário ainda sistematizar a paleta com informações que pudessem ser entendidas não apenas pelos técnicos, mas pelas pessoas da comunidade em Petrópolis. Assim, baseado nas experiências feitas em outros sítios, como no estudo feito para a cidade de Laranjeiras em Sergipe⁵, partimos para a coleta das cores em cada tipologia das ruas escolhidas previamente.

A coleta foi feita usando o acervo fotográfico do grupo de pesquisa, somado a observação remota usando o aplicativo 'google street view' (www.google.com/maps/) quando necessário. Com a ajuda de outro aplicativo, o editor de imagem *Photoshop*, fazíamos a coleta da cor com a ferramenta 'conta-gotas' que faz a leitura da cor na imagem. O passo seguinte era cruzar a informação do tom capturado pelo conta-gotas com a planilha de um fabricante estabelecido no mercado da construção civil no Brasil [8].

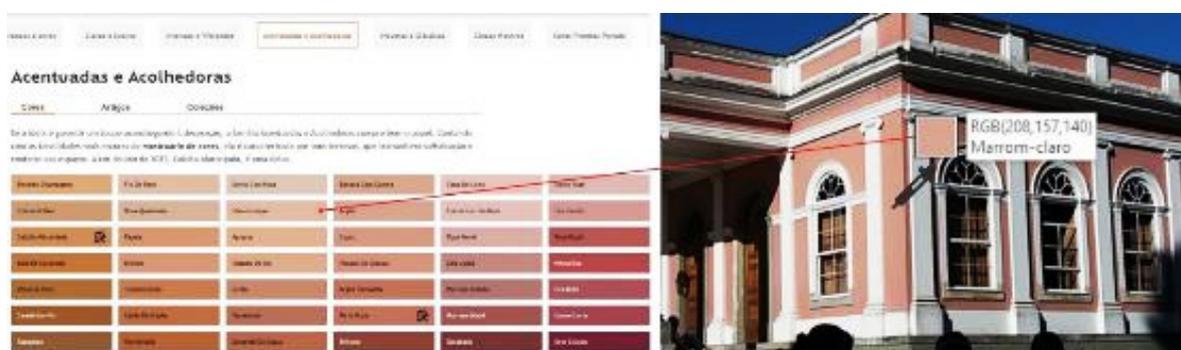


FIGURA 8 – Demonstração do método de leitura da cor de fundo do Palácio Imperial usando a ferramenta 'conta-gotas'.

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa, 2022.

Esta conexão com a paleta de um fabricante de tintas do mercado foi feita para ajudar as pessoas leigas a associar um nome à cor, o que deve facilitar o diálogo entre as partes no processo de orientação e escolha. Assim, depois de alguns testes decidimos usar o catálogo virtual da marca Suvinil Cores, por possuir uma interface digital mais simples de navegar e por apresentar maior variedade de cores e tonalidades. Esta característica facilitou a correspondência das cores identificadas pela ferramenta 'conta-gotas' com a grande gama de opções apresentadas pelo fabricante⁶.

O segundo passo foi atribuir um segundo dispositivo, ou código de identificação às cores levantadas no sítio, para garantir que elas pudessem ser reproduzidas independentemente de um fabricante exclusivo. Os estudos de caso estudados, como foi o caso de Laranjeiras em Sergipe, citado anteriormente, e Natividade no Tocantins⁷, atrelaram as cores encontradas no sítio à tabela CMYK, uma escala de cores internacional que indica proporção na mistura das cores C (Ciano), M (Magenta), Y (Yellow/Amarelo), K (Preto) (<https://clubedocorel.com/tabela-cmyk/> - acesso em 05/09/2021). Isto dá uma maior precisão para o preparo de cada cor e permite que esta seja selecionada da paleta de outros fabricantes, ou ainda executada sob encomenda.

5 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Superintendência em Sergipe (IPHAN-SE). Cores de Laranjeiras: paleta de cores para uso no conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Laranjeiras. IPHAN-SE, Aracaju, 2011.

6 Testamos os sites Tintas Coral, Sherwin Williams, Suvinil Cores e Pantone. O grupo em conjunto entendeu que a interface encontrada no site <https://loja.suvinil.com.br/> oferecia mais opções e era de simples navegação.

7 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Sub-regional Tocantins/14ª SR: Paleta de cores para Natividade: IPHAN-TO | Programa Monumenta | UNESCO | BID, 2006.

Primeiras impressões, à guisa de conclusão

O trabalho finalizou uma primeira parte de coleta nas ruas pré-definidas e preparamos uma primeira paleta de cores sistematizada.

Ainda não foi possível tecer uma análise crítica aprofundada sobre o material coletado, mas foi possível perceber que o que lemos em algumas de nossas referências sobre outros sítios, pode ser visto em Petrópolis também.

[em um primeiro momento] nas construções ecléticas utilizou-se nas paredes externas cores claras a base de cal, devido ao seu custo reduzido em comparação com o preço das tintas importadas. Posteriormente com o desenvolvimento da indústria nacional de tintas as fachadas foram se caracterizando pela vivacidade de suas cores. (RIOARTE, 2002, p. 40)

[...] Os prédios foram destacados tanto pelos matizes vivos e brilhantes das tonalidades azuis, verde-água, rosas, amarelas e ocres, quanto pela proporção das áreas coloridas, concentradas nos grandes planos das paredes. Esse destaque foi enfatizado, igualmente, pelo contraste entre o fundo e detalhes salientes, os quais, via de regra, foram pintados de cores muito claras, próximas ao branco. (NAOUMOVA; LAY, 2007, p. 08 - grifo nosso)

Como mencionam nossas referências, a tipologia Eclética, bem como a tipologia Casa Petropolitana são as que possuem paleta de cores mais variadas. A tipologia Art Deco, também entra no Hall de grande variação de Paletas. Esta tipologia está concentrada na Rua do Imperador, trecho que atualmente não está inserido dentro da poligonal de tombamento do IPHAN, mas que conta com a proteção do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC. Entendemos que este fato pode ter um impacto na escolha de cores vibrantes registradas na rua.

No geral, as cores que encontramos na amostragem analisada do sítio giram em torno de paleta de cores com tons mais suaves, variando entre tons neutros, na escala de rosas, amarelos, azuis e verdes. Algumas questões ainda permanecem, como por exemplo, a existência de uma grande variação do uso dos tons rosados, comuns a algumas tipologias. Nos perguntamos se a escolha está relacionada ao fato das casas mais proeminentes da cidade, em especial os exemplares neoclássicos, como o Museu Imperial, a casa de Princesa Isabel, o Palácio Grão-Pará, ligados a família Imperial, ter suas fachadas, atualmente, pintadas com tons dentro paleta de rosas terrosos? Alguns edifícios podem ditar/inspirar a escolha dos cidadãos? Precisamos ainda nos aprofundar no assunto.

Ensaando uma relação possível entre cor e tipologias, percebemos algumas características: a tipologia designada como a mais simples do ponto de vista formal, a Casa do Colono é das que apresenta menor variação de cores possuindo tons neutros amarelos e acinzentados, com pouco contraste entre esquadrias e ornatos. O que corrobora sua classificação como exemplar menos complexo do quadro de tipologias.

A Casa Petropolitana segue a paleta representativa da amostra analisada com tons suaves, variando entre rosas, amarelos, azuis e verdes. Suas esquadrias e ornatos apresentam contraste acentuado com cores claras contrastantes, como o branco em grande maioria, ou com uma incidência menor, tons mais escuros.

A Casa de Torreão, os Exemplares Normandos e os Exemplares Neocoloniais também apresentam tons suaves de fundo, mas com gama menos variada. Aqui também predominam tons suaves rosas, amarelos, azuis e verdes. Ocasionalmente algum exemplar pode apresentar cores mais vibrantes, o que são considerados pontos fora da curva, ou melhor dizendo, da paleta local. Suas esquadrias e ornatos apresentam contraste acentuado.

Os Exemplares Ecléticos pertencem ao conjunto de tipologias com maior variação de cores em sua paleta, junto com as Casas Petropolitanas e Exemplares Art Déco. Porém, diferentemente dos Exemplares Art Déco, os Exemplares Ecléticos possuem cores mais suaves e variam entre rosas, amarelos, azuis e verdes. O contraste entre esquadrias e ornatos é característica marcante do exemplar. O branco aparece como escolha frequente para ornatos quando o fundo é colorido.

Os Chalés Românticos apresentam paleta que varia de cores mais suaves a tons mais vibrantes. Aqui vamos encontrar os neutros rosados, mas é interessante notar a presença de tons terrosos também. Suas esquadrias e ornatos apresentam contraste acentuado.

E por último os Exemplares Modernos e os Bangalôs que apresentam em sua grande maioria cores neutras. Entendemos que isto pode ser um reflexo desta transição no modo de habitar, variando entre amarelos, azuis e acinzentados. De forma particular, as cores nos Exemplares Modernos, são um reflexo dos materiais industrializados que passam a ocupar lugar de destaque nas fachadas, como concreto, tijolos aparentes, pastilhas, madeira, vidro e metal.

Refletindo sobre a metodologia utilizada, a coleta de cores feita remotamente com o uso de softwares para edição de imagens, entendemos que isto não substitui de forma alguma a prospecção mecânica de cores feitas in loco. Sabemos que corremos o risco de uma leitura influenciada pela exposição da fachada ao sol ou efeito de sombras sobre a superfície analisada, o que pode mudar o tom da cor coletada. Porém, se levarmos em consideração que este método foi capaz de traçar uma leitura inicial e construir uma primeira paleta de cores para o sítio tombado, acreditamos que o produto apresentado apresenta grande contribuição a manutenção do sítio. Especialmente no que diz respeito ao estabelecimento mais fácil de um diálogo com a população local, as pessoas que de fato queremos atingir com este trabalho.

Um primeiro volume foi entregue ao IPHAN em dezembro de 2022. O material consta de 84 pranchas, modelo A3, como apresentadas nas figuras [5] e [6]. Juntamente com os técnicos do Escritório Técnico da região Serrana (ETRS-IPHAN/RJ), decidimos compactar as informações em pranchas resumos com todas as cores separadas por tipologias, como representado na figura [6]. Esta é a tarefa atual do grupo.

Apesar do trabalho ainda estar em processo, as cores coletadas por nosso grupo agora já estão organizadas de forma didática para que a população de Petrópolis possa observar a paleta cromática existentes no sítio de forma mais prática junto com seus técnicos. Não é nossa intenção criar regras de uso, nem um modelo fixo de aplicação ou que nosso trabalho possa restringir a combinações de cores. Mas esperamos ajudar a capacidade criativa de quem, muitas vezes, não sabe por onde começar. Temos a certeza de que esta primeira leitura sistematizada de conjunto e suas cores é uma importante contribuição para a manutenção de sítios urbanos históricos no estado do Rio de Janeiro.

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Referências

ALCÂNTARA, Dora M. S. **Petrópolis arquitetura contextual: Considerações sobre o caráter peculiar de Petrópolis**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1980. (folheto disponível na Biblioteca Paulo Santos nº F-202).

BERREDO, Hilton. In. INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA – RIOARTE (IPP). **A Cor**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do rio de Janeiro, 1990. Coleção Corredor Cultural/ RIOARTE, nº1.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 25**, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm - acessado em 30/06/2022.

CARVALHO, Juliano Loureiro de. **Elaboração e implantação das paletas de cores do conjunto tombado de Laranjeiras (SE)**. In. 4ª jornada de patrimônio IPHAN. 6SR-IPHAN: Rio de Janeiro, 2017.

COSTA, Daniella M.; REIS, Igor; BARROS, Nathalia; JANSEN, Artur. **Petrópolis: um primeiro olhar urbano paisagístico para a preservação no estado do Rio de Janeiro**. In. Anais do II Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural: as problemáticas da preservação do patrimônio cultural no século XXI. Cachoeira do Sul: UFSM-CS, 2019.

DIRETRIZES POLIGONAL DE TOMBAMENTO DO IPHAE: **Sítio da Rheingantz e da estação Férrea**. Disciplina Desenho Urbano II. Pelotas: FAURB/UFPEL, 2017.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **Carta Internacional para a conservação e restauração de monumentos e sítios - Carta De Veneza**. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos do Patrimônio e monumentos Histórico Monumentos. Veneza, 1964. Disponível em: https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf - acessado em 30/06/2022.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos**. 17.ª Assembleia Geral do ICOMOS, Paris, 2011. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/Valletta_Principles_Portuguese.pdf - acessado em 04/03/2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Superintendência em Sergipe (IPHAN-SE). **Cores de Laranjeiras: paleta de cores para uso no conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Laranjeiras**. IPHAN-SE, Aracaju, 2011.

_____. Sub-regional Tocantins/14ª SR: **Paleta de cores para Natividade**: IPHAN-TO, Programa Monumenta, UNESCO, BID, 2006.

INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA – RIOARTE (IPP). **Corredor cultural: Como recuperar, reformar ou construir seu imóvel**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do rio de Janeiro, 2002.

IRPH. **Guia das APACs**. n.03. Ano II Nº I. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/IRPH, 2012.

JARDIM, Rachel. **O penhoar Chinês**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio; FUNALFA, 2005

_____. **Cheiros e Ruídos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1975.

LERNER, Dina. In. PESSOA, José; PICCINATO, Giorgio. **Atlas de Centros históricos do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

Paleta local: um primeiro estudo cromático do sítio urbano histórico de Petrópolis/RJ

Local palette: a first chromatic study of the historic urban site of Petrópolis/RJ

Paleta local: un primer estudio cromático del sitio urbano histórico de Petrópolis/RJ

MELO, Rodrigo Melo. **Rodrigo e seus Tempos, Coletânea de Textos sobre artes e letras**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

NAOUMOVA, Natalia; LAY, Maria Cristina Dias. **Policromia Histórica e Identidade Cromática da Paisagem Urbana**. In. XII Encontro Da Associação Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Planejamento Urbano e Regional. Belém. ANPUR, 2007.

ROLNIK, Rachel. **O que é cidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

Processos Consultados

IPHAN, processo nº 662-T-62. Tombamento do Conjunto arquitetônico de Petrópolis. Fonte: Arquivo Central do IPHAN.

IPHAN, processo nº 0146.000504/2016-67-T. Avenida presidente Kennedy, 813 A Fonte: Escritório Técnico da Região Serrana – IPHAN/RJ.

Ofício Escritório Técnico/ Petrópolis-IPHAN nº 129/2011

Entrevistas

ARNAUT, Jurema Kopke Eis. Entrevista para a autora em 18.12.2019. Rio de Janeiro-RJ

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (**ISSN 2675-0392**) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 10/03/2023

Aprovado em 03/04/2023